processos de montagem de exposições museológicas

curadoria, protocolos e implicações

universidade de são paulo, museu de arte contemporânea
MAK0144 - interpretação patrimonial: museu, cultura e sociedade
docentes responsáveis: profº dr. edson roberto leite + profª drª. maria cristina caponero / discente: roberto borges junior, NUSP: 10832230
junho/2020

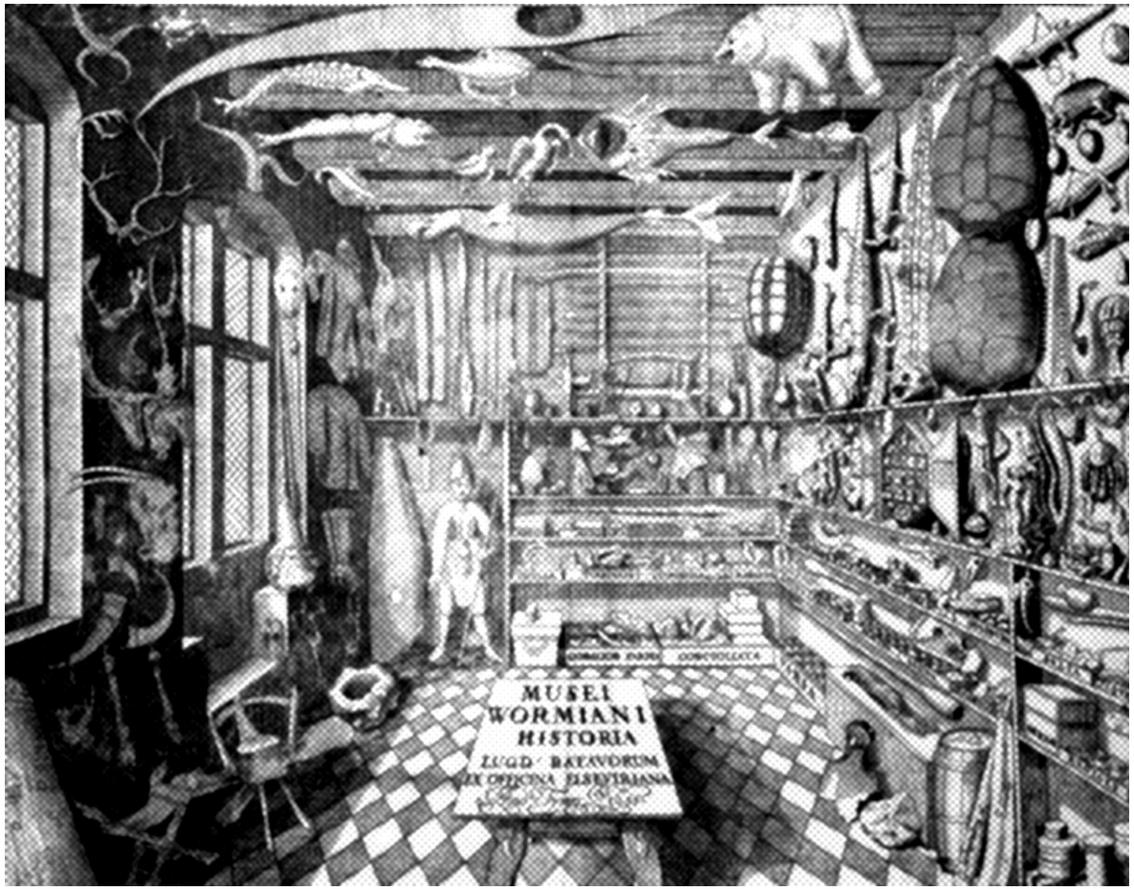
conteúdo

1. museu
2. museologia
3. exposições museológicas
4. organização museológica
5. recorte e organização curatorial
6. modelo expográfico
7. considerações finais
8. referências

1. museu

o museu como espaço físico tal como conhecemos hoje, surge em meados do século XIX com a consolidação das nações modernas, deixando para trás os *gabinetes de curiosidades* ou *quarto das maravilhas*. com a formação dos estados nacionais, nasce o sentimento comum de identidade nacional, isto é, homogeneizar a população e a partir de então o desejo de preservar a sua história por meio da cultura material.

museu de arte de são paulo assis chateaubriand fotografia: eduardo ortega



gabinete de curiosidades reprodução: wellcomecollection.org/

2. museologia

conjunto de conhecimentos científicos, técnicos e práticos que dizem respeito à conservação, classificação e apresentação dos acervos de museus. “é a ciência que trata dos museus, especialmente no que se refere a sua organização e funcionamento. ela trata do *‘pensar-se o museu’*. a museologia pode ser considerada uma disciplina contemporânea por ter se instituído principalmente a partir da segunda metade do século XX e que era entendida, inicialmente, como um ramo do conhecimento voltado para os objetivos e organização dos museus.” (BAUER, 2014)

nesse contexto, a museologia pode ser entendida como a ciência que pensa o museu envolvendo três processos: objeto, coleção e exposição, sempre alicerçados em um contexto social e situado culturalmente.

cavaletes de vidro de lina bo bardi reprodução: blog do ims

3. exposições museológicas

sistema de comunicação, com lógicas e sentidos singulares, relacionados aos fatos e bens sociais, diferindo de quaisquer outros devido ao seu caráter e preocupação com práticas preservacionistas.

a funcionalidade do museu *(ao lado)* esquema do autor com base em CBD0247 - introdução à museologia com martin grossmann - eca/usp

funcionalidade

organização museológica
organização interna do museu

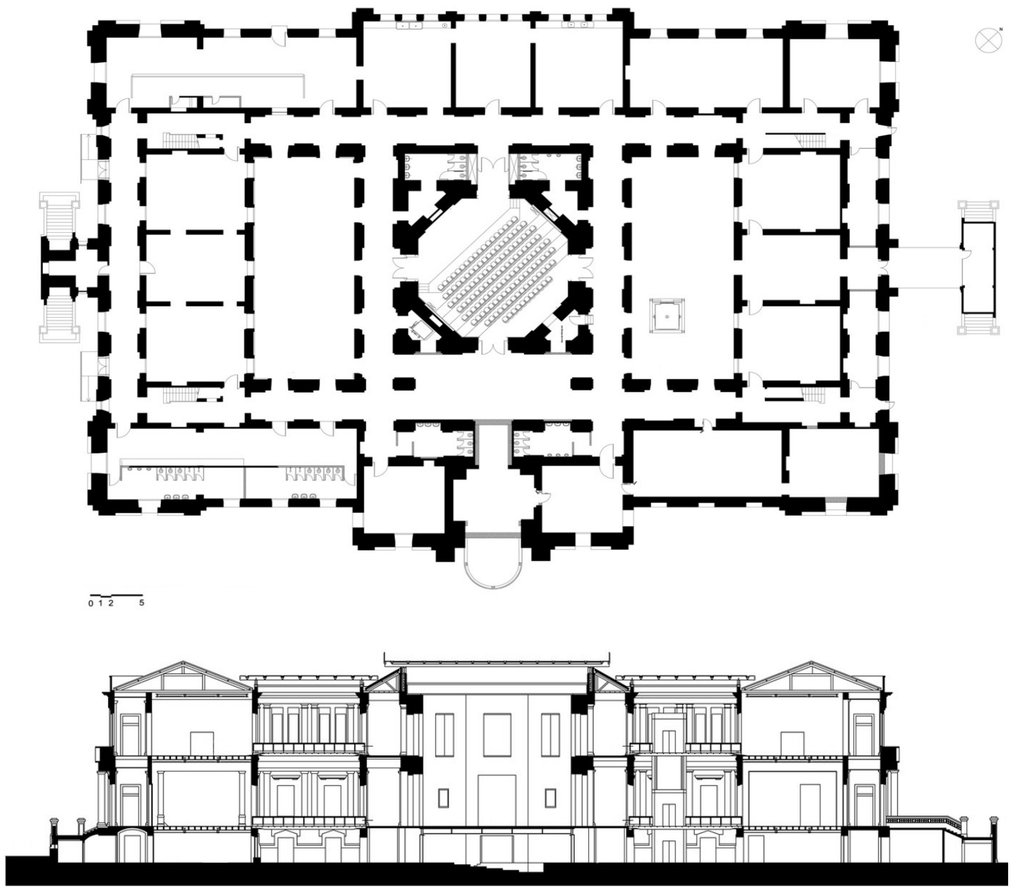
recorte e organização curatorial
seleção, promoção e proteção das obras e objetos

modelo expográfico
elaboração de um projeto de exposição, levando-se em conta o trabalho de curadoria, as tipologias, o layout, as superfícies, as escalas e a iluminação

discurso museológico
o fomento da identidade nacional defendida

funcionalidade

4. organização museológica



o museu tem de se precaver com uma série de infraestruturas que permita a recepção e comunicação com o visitante. estas infraestruturas irão permitir que o público localize o museu, e tenha acesso à informação das atividades que lá se desenvolvem.

planta e corte da pinacoteca do estado de são paulo *(ao lado)*
reprodução: archdaily brasil.

5. recorte e organização curatorial

curadoria

parte responsável pelo cuidado, seleção, promoção e proteção de todas as obras e objetos que compõem a exposição museológica, além dos cuidados com a adequação do público-alvo. os curadores são especialistas, pesquisadores por natureza que atuam na busca, avaliação e disponibilização de conteúdos relevantes aos interessados para que a organização atinja seus objetivos.

atores da curadoria

- **comitê curatorial**
  composição de membros que avaliam e selecionam os conteúdos
- **experts internos**
  atuação em áreas individuais
- **criadores e consumidores de conteúdo**
  descentralização das áreas individuais
- **crowdsourcing e mídias sociais**
  divulgação e veiculação em tempo real
- **algoritmos**
  sugestão de conteúdos mais adequados aos perfis e interesses dos usuários
- **terceirização**
  contratação autônoma para o serviço de mídia

atores da curadoria *(ao lado)* esquema do autor com base em organização expresso3.

elementos da curadoria

- **acurácia**
  o conteúdo precisa estar correto e testado
- **autenticidade**
  originalidade
- **credibilidade**
  fontes confiáveis e seguras
- **compreensão**
  clareza e didaticidade da apresentação
- **suficiência**
  medida correta, nem pouco e nem excessos
- **sem viés**
  o conteúdo deve proporcionar múltiplas visões
- **relevante**
  prioridade daquilo que está sendo apresentado

conveniência
praticidade de observação e quando necessário, manuseio

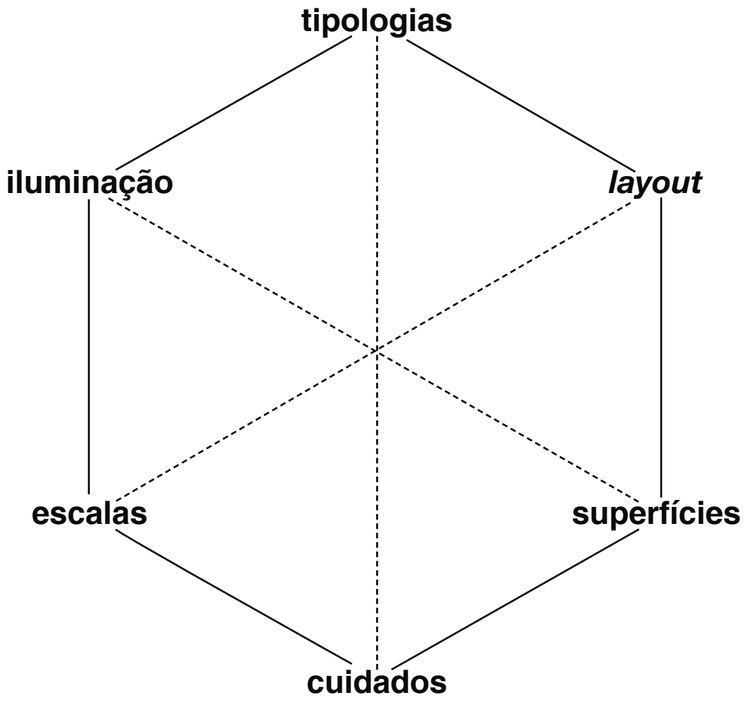
sinergia
combinação/relação com outros elementos da exposição (quando se aplica)

proteção
cuidado com sigilo e divulgação

validade
plano de inspiração, finalidade (quando se aplica).

elementos da curadoria *(anterior, ao lado)* esquema do autor com base em organização expresso3.

6. modelo expográfico



a expografia tem por objetivo criar um discurso sobre o museu, portanto, o modelo expográfico é aquilo que deve ser levado em conta para se montar uma exposição.

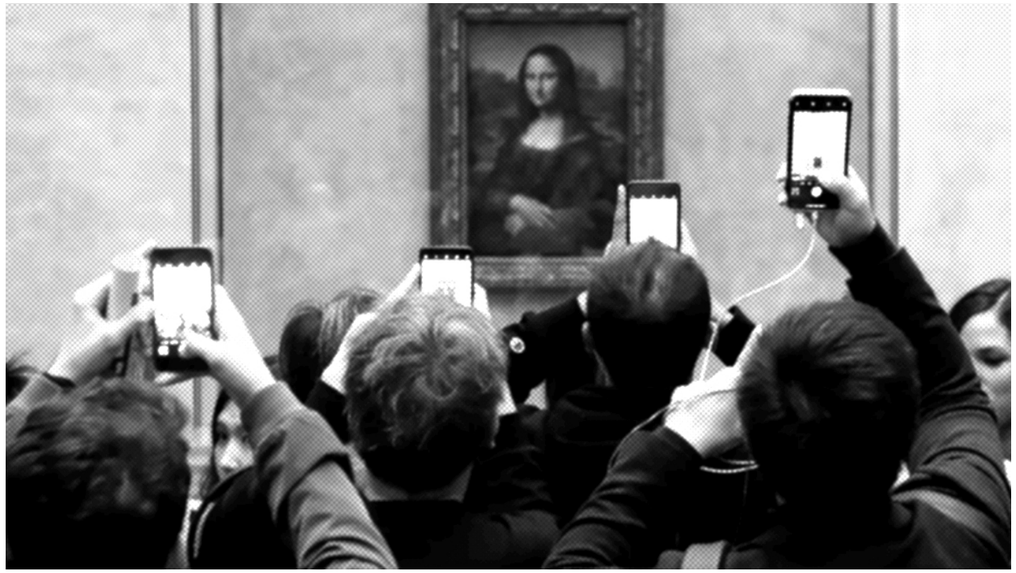
modelo expográfico esquema do autor com base em PEREIRA, 2018/archdaily brasil.

tipologias
definição da tipologia apresentada e tempo de duração da temporada de exposição.

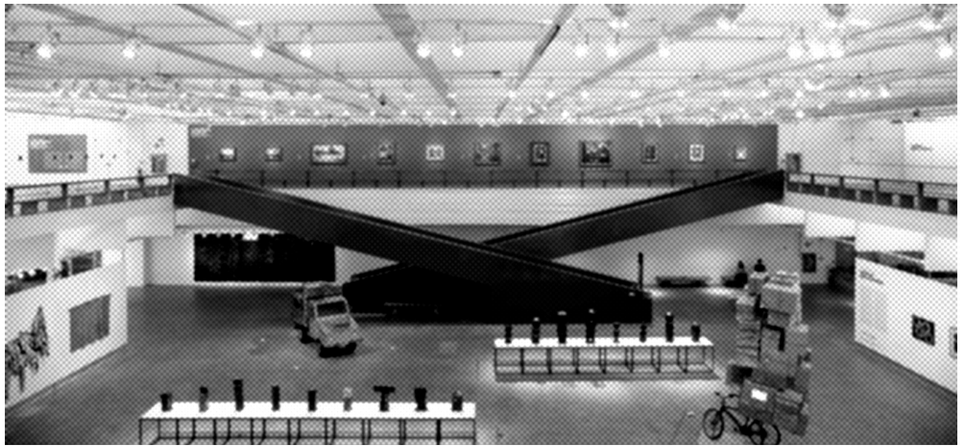
permanente: é aquela cujo acervo museográfico é apresentado em constância durante toda a jornada da vida da instituição.

temporária: é aquela de média duração, por dois motivos principais: pela recepção temporária de obras pertencentes à coleção de outros museus/galerias (nacionais ou internacionais); ou pelo ineditismo de uma obra com fragilidades físicas pela ação do tempo.

itinerante: é aquela de curta duração. é exemplo desta tipologia, o conteúdo pensado para pavilhões.



monalisa, de leonardo da vinci, no louvre. *exemplo de exposição permanente.*
reprodução: reuters/charles platiau/file photo



layout
posterior a definição do conteúdo e tipologia a ser apresentado, a definição do layout é um dos principais quesitos a serem desenvolvidos. se o layout tiver excelente projeção à apresentação da obra, obterá sucesso na relação ao espectador, caso contrário, incita o desastre na ordem de associação do conteúdo pelo espectador, ou ainda, pontos de desinteresse no espaço pela disposição das obras. deve-se sempre obedecer a relação: espaço-obra-espectador.

geralmente são trabalhados três principais disposições de layouts, são elas:

enfilade: é relativo à layouts onde há uma sequência de salas sucedidas pelas extremidades e circulação principal num eixo marcado, como por exemplo o museu do louvre.

galeria: é aquele cujo espaço é compartimentado de modo a criar uma sucessão de pequenas salas individuais, onde o espectador circula de modo contínuo.

contínuo: é uma tipologia contemporânea de apresentação do conteúdo, frequentemente empregado nas bienais, onde é disposto uma série de elementos – de painéis a paredes – buscando a fluidez na interação entre espectador e obra, sem hierarquizar o conteúdo.

***layout* masp, 2º subsolo.** *exemplo de layout contínuo.* *(ao lado, acima)*
reprodução: masp.

superfícies
o primeiro ponto a ser considerado no desenvolvimento do projeto de uma exposição é o exame das propriedades físicas do espaço a ser intervindo e em mesmo grau de importância, das obras. aspectos a ser considerados:

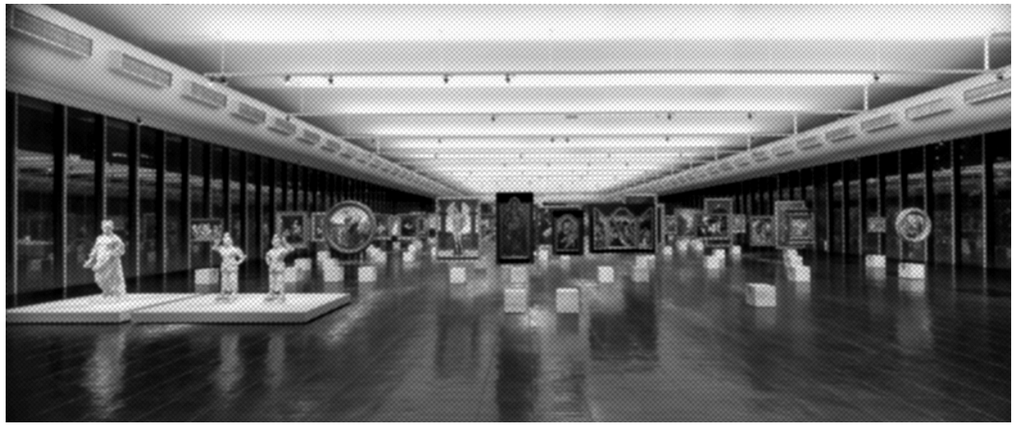
dimensões;

materialidades das superfícies;

fragilidades;

necessidade de alteração da temperatura ambiente.

em linhas gerais há quatro superfícies principais: paredes, bancadas, pódios e cavaletes. para cada um dos elementos, é importante destacar que é imprescindível avaliar como as peças se comportarão nestes e se o artista detém alguma consideração. no caso de telas, fotografias ou pôsteres, por exemplo, utilizamos painéis ou paredes. nestes, é imprescindível um estudo de cor, materialidade e disposição das obras, de modo a não criar um elemento em desarmonia ou excesso de informações.



masp, superfícies expositivas. fotografia: eduardo ortega

cuidados com a apresentação da obra
é importante destacar que a dimensão das peças em praticamente todos os contextos expográficos deve ser corretamente empregada, na altura média do olhar do espectador.

maquetes, livros, esculturas, objetos, entre outros inúmeros exemplos de objetos com dimensões menores, se adequam melhor à bancadas, ora vedadas, ora abertas, de acordo com grau de importância da peça;

telas, fotografias ou pôsteres, por exemplo, utiliza-se painéis ou paredes. nestes, é imprescindível um estudo de cor, materialidade e disposição das obras, de modo a não criar um elemento em desarmonia ou excesso de informações;

esculturas, ou peças como mobiliários, por exemplo, funcionam melhor se dispostos acima de pequenos pódios, isso porque a estrutura eleva a peça do chão, criando destaque, em mesma medida que detém segurança;

hoje, há uma variedade do conteúdo e principalmente, a apropriação das **mídias e camadas digitais** presentes nas relações espaciais. consequentemente, mudanças tiveram de ser adotadas na maneira como o conteúdo é apresentado. videoinstalações, projeções, *QR code* e uso de fones de ouvido, são alguns dos exemplos;

materiais que facilitam a rápida montagem e desmontagem de superfícies são levados em consideração no processo curatorial.

exposição permanente museu afro brasil. *cuidados expressos na curadoria.*
reprodução: museu afro brasil.

exposição permanente museu afro brasil. *cuidados expressos na curadoria.*
reprodução: museu afro brasil.

escalas
determinadas obras carecem da construção de espaços e/ou salas menores, bem como painéis ou elementos com um perímetro menor para que ocorra correta relação entre a obra e o ambiente.

máscara ii, exposição de ron mueck. *uso adequado da escala.* reprodução: catracalivre.com.br/

iluminação
mesmo que o espaço contenha trilhos eletrificados para correto posicionamento da luz na obra, certos espaços não obtém o mesmo e demandam o desenvolvimento de sistemas alternativos: bancadas iluminadas; luminárias desenhadas especialmente para fixação nas paredes, de modo que ilumine determinada tela; balizadores, etc.

recomendações gerais:

adotar lâmpadas coerentes à aplicação nos espaços expositivos, pois, certas lâmpadas tendem a deteriorar as obras pela ação do tempo exposta à mesma.

luz difusa, pontual, ou de efeito são alguns dos exemplos a projeção da luz sobre as peças.

ainda é importante considerar se o espaço sofrerá a interferência da iluminação natural ou não. sombras ou mesmo a temperatura solar podem ocasionar danos à determinadas obras.

caixa cultural brasília. *uso adequado da iluminação.* reprodução: bolsadearte.com/

pinacoteca do estado de são paulo. *uso adequado da iluminação natural.*
reprodução: archdaily brasil

7. considerações finais

o objetivo do tema trabalhado era abordar os principais aspectos relacionados à exposição museológica. com isso, ficou clara as especificidades de cada tipo de exposição, bem como a relevância de um importante e minucioso trabalho curatorial conjunto para que se possa representar com maestria a obra do artista e, por conseguinte, captar as emoções e interações do público espectador.

8. referências bibliográficas

BAUER, J. E. *a construção de um discurso expográfico*: museu irmão luiz godofredo gartner. ufsc: florianópolis, sc, 2014. p. 117.

DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. *conceitos-chave de museologia*. icom, 2013.

DOS SANTOS, F. M. *planeamento museológico orientação conceptual*. dissertação apresentada na ulht para a obtenção do grau de mestre em museologia, 2001.

PEREIRA, M. *"guia de expografia: o que levar em conta ao montar uma exposição"*. 23 mai 2018. archdaily brasil.

conservação preventiva e procedimentos em exposições temporárias. grupo espanhol do iic - international institute for conservation of historic and artistic works (organizador). brodowski (s.p) : acam portinari ; secretaria de estado da cultura de são paulo. são paulo, 2012. (coleção museu aberto).

processos de montagem de exposições museológicas

curadoria, protocolos e implicações

universidade de são paulo, museu de arte contemporânea
MAK0144 - interpretação patrimonial: museu, cultura e sociedade
docentes responsáveis: profº dr. edson roberto leite + profª drª. maria cristina caponero / discente: roberto borges junior, NUSP: 10832230
junho/2020